

# Descrição de um ninho de *Lanio surinamus* com notas sobre cuidado parental

Tomaz Nascimento de Melo<sup>1</sup>

Embora seja inegável a importância de estudos sobre a biologia reprodutiva das aves, para as espécies brasileiras e neotropicais esse conhecimento ainda é limitado (Marini *et al.* 2010). Segundo Isler & Isler (1987) faltam informações sobre a reprodução de grande parte das espécies de Thraupidae. O tem-tem-de-topete-ferrugíneo, *Lanio surinamus* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes: Thraupidae) é uma ave amazônica que ocorre na Venezuela, Guianas, Colômbia, Equador, Peru e no Brasil, na região amazônica a norte e sul dos rios Negro e Amazonas (Hilty 2011). Possui quatro subespécies, que se diferenciam principalmente pela coloração da coroa, flancos e uropígio dos machos (Hilty 2011). Vive preferencialmente em florestas de terra firme, em locais com solos pobres em nutrientes. É encontrado também em campinas e menos frequentemente em florestas de várzea, podendo chegar aos 1400 m de altitude na Venezuela. Procura por insetos e frutos no estrato médio, sendo menos frequente no dossel e ocasionalmente no sub-bosque (Hilty 2011). A única informação sobre sua biologia reprodutiva é um ninho reportado como um cesto aberto e fundo encontrado no Brasil (Hilty 2011).

Descrevo aqui um ninho de *L. surinamus surinamus* encontrado no Museu da Amazônia – Musa (03°00'197"S, 059°56'382"W). O Musa compreende 200 ha inseridos na Reserva Florestal Adolpho Ducke, o maior fragmento de floresta de terra firme do município, com 10.000 ha. A área onde se localiza o Musa sofre pressão antrópica devido à proximidade com alguns bairros, especialmente com descarte de lixo, invasão de cães e gatos domésticos, poluição sonora e, na época seca, incêndios criminosos. O clima local é do tipo tropical úmido, com umidade relativa entre 75 e 86% e precipitação entre 1750 e 2500 mm. A estação chuvosa vai de novembro a maio, sendo março e abril os meses de maior precipitação. A temperatura média anual é de 26°C, com grande variação ao longo do dia (Baccaro *et al.* 2008).

No dia 22 de março de 2016 ao caminhar por uma das trilhas ouvi um pedinchar de filhotes de aves e ao procurar encontrei dois ninhegos de *L. surinamus* em um ninho. O ninho havia sido construído a 1,53 cm do solo, na forquilha de uma palmeira marajá *Bactris elegans* (Arecaceae) de 2 m de altura, adjacente à trilha e a 7 m da borda do fragmento. No entorno do ninho o sub-bosque é denso e escuro, característico da mata de terra firme (Figura 1). O ninho era um cesto baixo em forquilha (*sensu* Simon & Pacheco 2005) feito

com ramos finos, coberto externamente por folhas mortas e internamente revestido com finas raízes pretas (Figura 2A). A coloração geral do ninho era marrom e o aspecto geral era apenas um aglomerado de folhas secas retidas nos caules da palmeira (Figura 2B). Estava preso ao substrato através dos espinhos no caule da palmeira. As medidas anotadas foram: diâmetro externo 99x95 mm, o diâmetro interno 66x67 mm, a profundidade 34 mm.

Os ninhegos foram encontrados com os olhos já abertos, possivelmente possuíam mais de 10 dias. Um deles possuía um inchaço na região malar, possivelmente causado por *Phyllornis* sp. (Diptera, Muscidae) (Figura 3). Aparentemente pos-



Figura 1. Localização do ninho de *L. surinamus* em uma palmeira marajá *Bactris elegans* em sub-bosque da floresta de terra firme do Museu da Amazônia. A seta e o círculo vermelhos indicam a posição do ninho. Foto: Tomaz Melo.





Figura 2. (A) vista superior do ninho, após os ninhegos desaparecerem, (B) detalhe da camuflagem do ninho, semelhante a um aglomerado de folhas secas. Fotos: Tomaz Melo.



Figura 3. Ninhegos de *L. surinamus* fotografados no dia 26 de março de 2016 no Museu da Amazônia. Foto: Tomaz Melo.

suíam o mesmo tamanho e foi constatado que eram alimentados por ambos os pais. Entre os dias 23 e 25 de março uma câmera com 50x de zoom foi colocada escondida na vegetação a uma distância de 5 m para filmar a atividade no ninho.

As filmagens registraram os pais entregando invertebrados e pequenos frutos vermelhos para os ninhegos. Os pais entregavam o alimento que traziam no bico e ocasionalmente regurgitavam alimentos menores para os filhotes. Após entregar o alimento os pais consumiam o saco fecal e às vezes também o levavam para fora do ninho. No dia 29 de março o ninho foi encontrado vazio e sem vestígio algum de penas ou outras estruturas dos ninhegos e sem nenhum dano à estrutura. O dia 26 de março foi o último dia que os filhotes foram vistos no ninho. Devido à dificuldade em estimar com precisão a idade dos filhotes não é possível concluir se deixaram o ninho ou foram predados.

Sick (1997) comenta que os ninhos no gênero *Tachyphonus* (antigo gênero de *L. surinamus*) são cestos localizados a

baixa altura no interior da mata. Sneath (1935) descreve um ninho de *L. cristatus* como um cesto pequeno construído em pequenas árvores e palmeiras no sub-bosque, correspondendo às características do ninho descrito neste estudo. É possível que os ninhegos tenham sido predados, embora os numerosos espinhos da palmeira *Bactris elegans* pudessem dificultar o acesso a um predador terrestre. Esta foi a primeira descrição detalhada de um ninho de *L. surinamus*, contribuindo com o conhecimento de sua biologia reprodutiva e história natural.

#### Agradecimentos

Agradeço ao Museu da Amazônia que possibilita a realização de minhas pesquisas e aos editores e revisores da *Atualidades Ornitológicas* pelas sugestões ao manuscrito.

#### Referências bibliográficas

- Baccaro, F.B., D.P. Drucker, J. Vale, M.L. Oliveira, C. Magalhães, N. Lepsch-Cunha & W.E. Magnusson (2008) A Reserva Ducke. p. 11-20. In: Oliveira, M.L., F.B. Baccaro, R. Braga-Neto & W.E. Magnusson (orgs.). *Reserva Ducke – a biodiversidade amazônica através de uma grade*. Manaus: Áttema Design Editorial.
- Hilty, S. (2011) Family Thraupidae (Tanagers). p. 46-329. In: del Hoyo, J., A. Elliott & D. Christie (eds.). *Handbook of the birds of the World. Vol. 16. Tanagers to New World Blackbirds*. Barcelona: Lynx Edicions.
- Isler, M.L. & P.R. Isler (1987) *The tanagers: natural history, distribution, and identification*. Washington: Smithsonian Institution Press.
- Marini, M.A., C. Duca & L.T. Manica (2010) Técnicas de pesquisa em biologia reprodutiva de aves. p. 297-312. In: Von Matter, S., F.C. Straube, I.A. Accordi, V. Piacentini & J.F. Cândido-Jr (orgs.). *Ornitologia e Conservação – Ciência Aplicada, Técnicas de Pesquisa e Levantamento*. Rio de Janeiro: Technical Books Editora.
- Sick, H. (1997) *Ornitologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Simon, J. E. & S. Pacheco (2005) On the standardization of nest descriptions of neotropical birds. *Revista Brasileira de Ornitologia* 13(2): 143-154.
- Sneath, E. (1935) Beiträge zur Brutbiologie brasilianische Vögel. *Journal für Ornitologie* 83: 1-24.

<sup>1</sup> Museu da Amazônia – Musa, Av. Margarita, s/n,  
CEP 69099-285, Cidade de Deus, Manaus-AM.  
E-mail: [tomazramphotrigon@gmail.com](mailto:tomazramphotrigon@gmail.com)